

O ensino de LIBRAS na UESC

Grapiúba foi investigar a implantação da disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na UESC, conforme legislação vigente. P. 4

A Profa. Dra. Reheniglei Rehem fala do seu estágio de pós-doutoramento na França e dos planos futuros. Afastada da docência, a pesquisadora fala ao GRAPIUBA. P.5

Grupo de estudos de Literatura Africana – tema da entrevista

Coordenado pela Profa. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues o grupo discute identidade e pós-colonialismo a partir do viés da Literatura Africana de Língua Portuguesa. O Grupo de estudos é tema da entrevista. P. 6

Programa Revisões do Cânone

Vinculado ao DLA, o programa trouxe o prof. Dr. Azeilton Pinho (UEFS), com a palestra "Representações do Tempo e da Realidade" P. 8.

Grapiúba

O jornal dos alunos de Letras da

Data do Boletim Informativo
Dezembro de 2012



Volume: 2, Edição: 2

IV SEPEXLE
seminário de pesquisa e extensão em letras



O IV Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras reuniu estudantes, pesquisadores e extensionistas entre os dias 21 e 24 de Abril no campus Soane Nazaré da Universidade Estadual de Santa Cruz. Organizado pelos alunos de Letras, e coordenado

pelos professores Dr. Eduardo Lopes Pirís e Dr. Isaías Francisco de Carvalho o seminário incentivou a produção científica através de sessões de comunicação e mesas-redondas, além da publicação dos Anais. O logo é do estudante de Letras Laurenci Esteves. P. 2

Centro Acadêmico de

Letras

Prof. Ruy Póvoas



SEPEXLE reúne pesquisadores e estudantes

Mesas-redondas, sessões de comunicação e minicursos incentivam discussões relevantes

O IV Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras reuniu estudantes, professores e convidados nos dias 21 a 23 de maio de 2012. O evento, vinculado ao DLA (Departamento de Letras e Artes) juntamente com o Colegiado, nesta edição foi organizado pelos alunos do Curso de Letras.

O seminário teve como objetivo promover a pesquisa e a extensão no curso de Letras, suas áreas e linhas de pesquisa, e reuniu importantes nomes da pesquisa de nossa instituição. O público do evento foi formado pelos alunos de Letras, Mestrado e professores do Curso de Letras da Universida-

de de como também de outras Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado da Bahia.

A conferência de abertura teve a presença do professor Dr. Cristiano Augusto Jutgla (UESC), que gerou grandes expectativas e ótimos comentários e teve como tema: Na conferência de encerramento, a professora Dra. Gírlene Portela (UEFS).

Sessões de comunicação ajudaram a divulgar as pesquisas em Iniciação Científica, Mestrado e afins. Foram mais de uma dezena seccionadas de acordo com a similaridade entre temas. Vários bolsistas do CNPq/FAPESB/CAPES/ICB e discentes com pesquisas realizadas nas disciplinas do curso apresentaram suas propostas de pesquisa vinculadas a grupos de pesquisa e orientadores atuantes da instituição. Também apresentaram trabalho alunos e professores oriundos da UNEB e da UESB.

Além dos alunos na organização, brilharam também os discentes artistas do curso de letras. A abertura foi feita pelo cantor e discente Jaffet Ornelas, que agitou o auditório com sua banda. À tar-



Ítala Rodrigues (discente e membro da organização) cantando "Corazón Partío".

de, foi a vez da cantora Márcia e da aluna Ítala Rodrigues, que brilharam num estilo bossa/MPB. Ainda houve um espetáculo de dança e a atração mais esperada depois das bandas: a apresentação da peça "Evita Perón de Copi", dirigida pelo prof. Dr. André Luís Mitidieri e estreada brilhantemente pelos alunos de Letras.



As professoras Dra. Gessilene Kanthack, Dra. Laura de Almeida e Dra. Vânia Lúcia Torga em mesa-redonda



Professoras e estudante membro da organização



Mesa-redonda com os professores Dra. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro, Msc. Partícia Argôlo Rosa e Wolney Gomes Almeida

Corpo Editorial

Centro Acadêmico de Letras
Prof. Ruy Póvoas
Universidade Estadual
de Santa Cruz
Campus Soane Nazaré
de Andrade
Rodovia Ilhéus- Itabuna, Km 16
CEP. 45662-000

Editor-chefe: Gabriel Nascimento

Redação
Gabriel Nascimento
Josenilda Jose da Costa
Rita de Cássia Freire
Tatiana da Silva Santos
Jaciera Caldas

Revisão
Cecília Souza Santos Sobrinha
Nadson Vinícius dos Santos
Nivana Ferreira da Silva
Ramaiane Costa Santos
Maria Margarete Souza
Campos Costa
Laurenci Esteves

Fotos
Tatiana da Silva Santos

Revisão geral:
Isaías Franciscode Carvalho

Apoio: Colegiado de Letras

Gráfica da UESC

Falta uma Política Linguística séria!

A culpa não é da Gramática Normativa ou dos nazistas “disfarçados” que a defendem. Não! A culpa também não é dos professores que ensinam a Língua Portuguesa em um país notadamente dominado por centenas de línguas (mais de 200 línguas indígenas, por exemplo!) e outras tantas de dialetos e peculiaridades. Não! A culpa também não é dos professores de Língua Estrangeira (LE) que ensinam uma segunda língua no Brasil com um profundo despropósito. A culpa é da falta de uma política linguística séria.

Se voltarmos a 1997 veremos que o Brasil avançou com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que deram à educação pública brasileira um caráter mais atualizado. Em Língua Portuguesa, por exemplo, os PCNs já apontam desde aquela época a preocupação pelo ensino da diversidade linguística no Brasil. Por isso, todos os que alardearam polifonicamente contra o livro didático que trabalha o fenômeno da variação linguística na fala

não leram os PCNs.

Não há novidade na falta de conhecimento, pois grandes redes de TV no Brasil desprezam a existência de cientistas da linguagem e contratam profissionais da área de Direito e Jornalismo como consultores. A situação é tratada como se a língua fosse um desfile de moda ou um quadro do Romantismo Europeu. Porém, voltando aos PCNs, percebemos que eles não dão conta da imensa contradição que cerca as pessoas das várias regiões do Brasil. Por razões da colonização ainda dizemos que nos comunicamos em Português, mesmo com diferenças palpáveis na sintaxe, semântica, fonética etc. entre as línguas que são faladas no Brasil e em Portugal. E essa prisão colonial continua fortemente defendida sem a intervenção do Estado. Há ainda grandes equívocos, como o do deputado Aldo Rebelo que defendeu um projeto de lei que propunha coibir o uso de estrangeirismos em textos oficiais ou como o projeto mais atual de unificar a ortografia em países de Língua Portu-

guesa.

Os equívocos são resultado da falta de informação (talvez porque os linguistas das grandes universidades públicas brasileiras se tranquem em seus laboratórios e escritórios e esqueçam do mundo cá fora) e da falta de planejamento de uma política linguística séria. As aulas de Inglês como Segunda Língua no Brasil, por exemplo, caminham em um profundo despropósito. Por que aprender Inglês na escola? Como dar aula de inglês com poucos ou nenhum material didático que auxilie o professor? As aulas de Língua Estrangeira devem ser ministradas desde os anos iniciais da educação, seguindo a obra de importantes pesquisadores brasileiros, sendo que o material didático auxilie professor e aluno, e que inglês seja aprendido de modo eficaz, com o ensino da cultura de modo crítico sem violentar a cultura nativa do estudante brasileiro.

São muitas as teorias que precedem o ensino de Língua Materna e Língua Estrangeira no Brasil, mas poucos os esforços dos governos municipal, estadual



Gabriel Nascimento é poeta e contista. Graduando em Letras Inglês-Português (LIP) pela UESC, é Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, Coordenador-geral do Centro Acadêmico de Letras Prof. Ruy Póvoas, Membro da Executiva Nacional dos estudantes de Letras e do grupo de pesquisa: “Linguagem e perspectiva multicultural no Ensino de conectores e marcadores no discurso escrito de hispanofalantes aprendizes de Português Língua Estrangeira”, tem artigos sobre linguagem publicados em jornais e artigos científicos publicados em Anais de eventos e periódicos. Tem interesse na área de Linguística Aplicada e Sociolinguística.

e federal em seguir as atualizações sobre o ensino de línguas e investir de maneira ativa em um planejamento de políticas linguísticas.



Jaffet Ornellas, discente e cantor, foi atração na abertura do IV SEPEXLE

Elenco da peça “Eva Perón”, apresentada durante o IV SEPEXLE. Em atuação perfeita, os alunos brilharam.

Discente e cantora Márcia Alencar arrasou e agitou a plateia durante o IV SEPEXLE. A arte é de Laurenci Esteves.

*Caminho pela praia
Os pensamentos
voam longe
Atravessam as
pedras Discorrem
sobre o mar
Perpassam entre
as ondas
E correm com o vento
Voando até o céu
E vão além, infinito.*

Natasha Susmaga

O Ensino de PLE na UESC



Professora Dra. Maria
D'Ajuda Alomba Ribeiro

A UESC acompanha a demanda do mercado de línguas em todos os segmentos. Porém, um deles se torna cada vez mais imprescindível na UESC e no país: o ensino de Português para Estrangeiros (PLE). No Brasil, destacam-se as universidades de Brasília (UnB) que tem uma graduação específica para a formação de professores de Português como Segunda Língua, a USP, a UFRJ, a UNICAMP, a UFMG e a UESC. Em nossa universidade, um programa de ensino de Português para estrangeiros só veio surgir a partir de 2005 graças ao empenho da professora Dra. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro.

Segundo ela, foi durante o doutorado em meados dos anos 2000, na

Universidade de Alcalá de Henares-Espanha, que o projeto começou. Ela conta que ensinava Português ao mesmo tempo em que aprendia Espanhol e compartilha as lembranças daquela época. Hoje é pesquisadora e coordenadora do programa na instituição, além de coordenar um grupo de pesquisa sobre o ensino de marcadores para alunos estrangeiros de Português e o programa de Mestrado em Letras da UESC. Ainda é membro da Sociedade Internacional de Português como Língua Estrangeira e trabalha no intuito de discutir a internacionalização do Português. De acordo com a professora, na UESC há vários trabalhos em níveis diferentes (Iniciação científica e Mestrado) orientados por ela sobre o ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira. Ela aponta ainda que a demanda tem crescido graças ao processo de discussão da internacionalização do Português do Brasil. Perguntamos o perfil do aluno estrangeiro na UESC e ela responde que o aluno, em geral, é graduando ou professor advindo dos convênios realizados pela UESC.

*A Gramática brigou com a Bíblia.
Acabou uma amizade de milênios...*

E como ficará a eternidade linguística?

Gabriel Nascimento

O ensino de LIBRAS como L2 na UESC

Alunos com necessidades especiais têm, estabelecido por lei, o direito de efetuar

matrícula em qualquer instituição da rede pública ou privada de ensino, que por sua vez, devem garantir condições necessárias para que haja uma educação de qualidade. Neste sentido, a formação de professores para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que leve em consideração a inserção de todos os alunos é fundamental para a inclusão educacional apropriada. Passou a ser obrigatório nos 11 cursos de graduação da UESC e opcional para os 22 cursos de bacharelado, atendendo à lei federal nº 10.436 de 24/04/2002 e do Decreto 5.626 de 22/12/2005, que estabeleceu que todos os cursos de graduação deveria ter, em sua grade curricular, Libras como disciplina obrigatória até 2010, com o objetivo de sensibilizar e incluir educacional e socialmente alunos surdos.

Ao refletirmos sobre essa proposta, pensamos também acerca do perfil do professor de surdos, da pedagogia surda, do ensino de Língua Portuguesa para os surdos, da aquisição de Língua de Sinais nas séries iniciais, do ambiente de contextualização lin-



guística que deve ser favorecido aos surdos e da participação dos surdos na construção do saber a partir da cognição visual e do processo de inclusão, que, infelizmente, ainda é inadequado. Sendo assim, o educador e/ou estudante que se prepara para lecionar deve compreender como ensinar os surdos e ao mesmo tempo, como aprender com eles.

Para atender a demanda de mais de 1320 alunos distribuídos nos cursos de graduação da UESC, há apenas dois professores habilitados na área, Melquisedeque Oliveira Silva Almeida e Wolney Gomes Almeida, ambos do Departamento de Letras e Artes (DLA). O primeiro é graduado em Geografia pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) e atualmente é professor auxiliar da disciplina, tem experiência na área de Letras, com especialização em Língua Brasileira de Sinais – Libras; e o segundo é Doutorando em Educação (Linha de pesquisa: Educação e Diversidade) pela UFBA.

Pós-doutorado e Pós-graduação são esclarecidos em entrevista

A professora Dra. Reheniglei Rehem fala sobre Pós-doutoramento e Pós-graduação

Grapíuba: O que é um pós-doutorado?

R.R.: Como o próprio termo indica, pós-doutorado é o curso que se faz depois da conclusão do doutorado, com duração mínima de realização de 6 e máxima de 12 meses. O PD tem por finalidade principal desenvolver pesquisa científica e/ou tecnológica, promovendo a capacitação docente de doutores vinculados a instituições de ensino superior e/ou centros de pesquisa científica e/ou tecnológica, nacionais ou estrangeiras, reconhecidas pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior). Geralmente, o candidato ao pós-doutoramento solicita bolsa de estudo para o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI), a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e/ou FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia). Os pré-requisitos essenciais analisados nesse processo seletivo, em nível de concorrência, nacional ou estadual, com outros pleiteantes de bolsa de PD, no exterior, são: diploma do doutorado, comprovação de proficiência na língua estrangeira, carta de aceite da instituição de destino, mais a análise do currículo Lattes, projeto de pesquisa e plano de estudos.

Grapíuba: Que contribuições podem ser adquiridas e difundidas pelo pesquisador que escolheu fazer o seu pós-doutorado no exterior?

R.R.: Contribuições que se estabelecem desde a aquisição de outra língua, conhecimento e convivência com outros hábitos e costumes, à oportunidade de difusão da sua cultura e sua universidade de origem, além da troca de conhecimentos e experiências científicas com outros profissionais e insti-

tuições estrangeiras, o que pode propiciar um intercâmbio, posterior à realização do PD, por meio de visitas, contribuições científicas e publicações entre os países e os agentes nesta experiência envolvidos.

Grapíuba: Qual a importância da pós-graduação e da pesquisa para o profissional do curso de Letras da UESC?

R.R.: Conforme a Resolução CNE/CES Nº 1, de 3 de abril de 2001, a pós-graduação se divide em Lato Sensu e Stricto Sensu. Os cursos de pós-graduação lato sensu são voltados para o nível de especialização, mais direcionados à área profissional, de mercado, e com caráter de educação continuada, com carga horária mínima de 360 horas. Os de Stricto Sensu são direcionados para a continuidade da formação científica e acadêmica, como mestrado e doutorado. O curso de mestrado tem a duração de dois anos, no qual o aluno desenvolve a dissertação e cursa as disciplinas coerentes com a sua pesquisa. Os quatro anos de doutorado são referentes ao cumprimento das disciplinas e a elaboração da tese. Portanto, a importância da PG e da pesquisa para o licenciado do curso de Letras está voltada essencialmente para o aprofundamento da sua formação, qualificação e atualização científica e profissional.

Grapíuba: Após a conclusão e o retorno do seu pós-doutorado em Cibercultura (Literatura e hipertexto) na França, que inovações a senhora pretende inserir no ensino de literatura do curso de Letras da UESC?

R.R.: “Inovações”, no sentido estrito da palavra, nenhuma, mas aprimoramentos do que eu já venho realizando ao longo dos meus quase vinte anos de docência na área de literatura, eu espero que sejam muitos, tanto no âmbito da



A professora Dra. Reheniglei Rehem é professora do Departamento de Letras e Artes da UESC. Encontra-se na França, no Estágio de Pós-doutoramento.

pós-graduação quanto no da graduação. Com esse propósito, ao retornar para a UESC, procurarei relacionar com o curso de Letras da UESC, os mecanismos e os resultados teóricos e técnicos que estou utilizando e alcançando, neste ano de 2012, no Laboratório Paragraphe, do departamento de Hipermídia da Université Paris 8, onde pesquisei o conceito de literatura digital e hipertextual, a partir do contexto da cibercultura, aplicado ao tema do meu projeto “Literatura e hipertexto. Antigos textos, novos olhares. Análise semiótica da versão impressa e digital, I-Pad, de Alice no país das maravilhas”. Suponho, também, que esta experiência pós-doutoral possibilitará, a médio e longo prazo, a apresentação de indicadores voltados para a área social, em termos de sua influência nos níveis de qualidade de ensino de outras universidades e escolas da rede pública, educação básica, em âmbito local e regional, tais como formação de grupos de estudos e pesquisas, seminários, palestras, minicursos, orientações e publicações, colocando em prática o nível de articulação pretendido no meu projeto entre a teoria e a prática da investigação. No mais, parabenizo o Centro Acadêmico de Letras professor Ruy Póvoas (CAL) pela iniciativa da criação do Jornal de Letras, agradecendo a sua equipe editorial por esta entrevista por meio desta citação do filósofo Sócrates: “Uma coisa, entretanto, posso afirmar e provar com palavras: tornamos-nos melhores, mais ativos e menos indolentes, se cremos que é um dever procurar, questionar e compartilhar o que ainda não sabíamos, tanto e quanto isso seja possível”.

(En) focando ou (Fo)focando?

Os discentes do 2012.1, atual II Semestre matutino, confeccionaram um blog que se destina a contar a história do curso de Letras da UESC. Trata-se do resultado da disciplina Língua Portuguesa, com a professora Marialda Jovita. A professora elogia os alunos e aponta, em diálogo com Grapiúba, a importância de poder trabalhar os gêneros em sala de aula. Para visitar, acesse <http://www.eletracidade.blogspot.com.br/>

O Círculo de Estudos Linguísticos e Literários foi fundado no último mês de abril. Vinculado ao Centro Acadêmico de Letras Prof. Ruy Póvoas, o projeto tem o objetivo de promover palestras, oficinas, mesas-redondas, oficinas e minicursos. Até agora já ofereceu alguns minicursos e oficinas.

O PAC de Letras já foi publicado. Parabéns aos professores da comissão! O documento saiu publicado na resolução CONSEPE 68/2012.

Grupo de Estudos em Literatura Africana



A professora Dra. Inara de Oliveira Rodrigues e suas alunas

A professora Dra. Inara de Oliveira Rodrigues abriu as portas do seu Grupo de Estudos em Literatura Africana na UESC. Elas e suas meninas conversaram com Grapiúba e ressaltaram a importância de um grupo de estudos em Literatura Africana na UESC. Ela disse que a ideia surgiu com a indicação da professora Maria Luísa, ainda no Mestrado, que sugeriu que ela trabalhasse com Neoliberalismo e ela

decidiu trabalhar com algo mais amplo a partir disso.

As reuniões do grupo acontecem nas sextas, às 14:00 no Pavilhão Adonias Filho. Para a professora Dra. Inara de Oliveira Rodrigues, estudar Literatura Africana é “muito importante para o conhecimento e entendimento de nossa formação, também para poder conhecermos sobre o nosso lugar, como estudante de letras. O projeto vai promover a qualificação do curso e dos participantes para obter bons resultados”, pondera ela.

A professora Dra. Inara de Oliveira Rodrigues é licenciada e bacharela em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestra e doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Na UESC, atua como professora do Departamento de Letras e Artes, vice-coordenadora, pesquisadora e professora do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Letras da UESC.

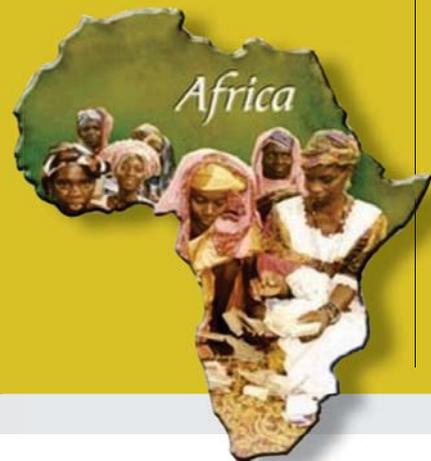
Ela finaliza a conversa com Grapiúba dizendo que o aluno “estude muito, leia muito texto literário e mantenha o gosto pelas obras literárias. Fica o convite para aqueles que se interessam e tenham vontade de estudar Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Venham participar do grupo de estudos..”

Mural

MEUS EU's

*Dentro de mim há vários eu's
Que nem eu sabe explicar,
Decifrando-me vou tentando
No universo em seu olhar
Saindo de mim, não encontro eu
E retorno-me a pensar:
Como é difícil sair de si
E se encontrar!
...E quando eu fujo de mim
O que me faz transCEDER
Não me encontro
Mas encontro meu eu em você.*

Gleid Ângela



África

*Berço celestial
rituais, danças e expressão musical
linha contínua de fé
união de força e propósito*

*misticismo e calor
realidade e amor
música em dor
cantos em roda*

*amor e prosa
irmandade umbilical
parentesco fraternal
negritude misteriosa*

*movimento, chão, terra batida
luta e paz numa só forma
vibrações brotam de chão
notas graves permeiam o barracão*

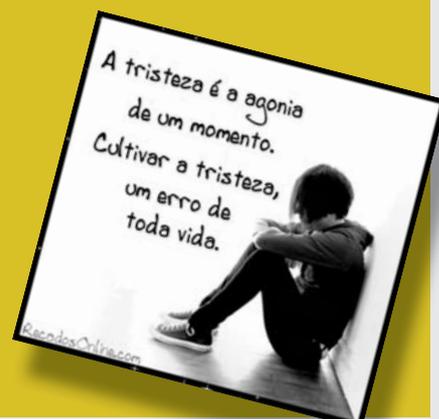
*tomam os espíritos
e os enchem de paz
o rito negro liberta o homem
ensina como se faz*

Tiago Dias

Reflexo de Tristeza

*Ao ver-me no espelho
Vejo uma figura oblíqua
Longínqua, posto que espectro
Deparo-me com a assombração
Branda e lépida
Trata-se de um reflexo
Uma brincadeira insossa do espelho
Que insiste em mostrar-me como sou
Das mais diversas aparências
Enfim, saio de casa...
Mas antes, ponho a minha máscara
E fantasio-me do caráter que me cabe!!!*

Tales S. pereira



A atuação do professor em sala de aula: incumbências, necessidades e reflexões

Historicamente, o ato de ensinar é alvo de inúmeras discussões, sobretudo no que diz respeito à intencionalidade da prática pedagógica e à formação dos professores. É nessa perspectiva em que observamos o fato de que o ensino não é neutro, pois há uma série de ideologias interpelando a educação e a formação dos profissionais responsáveis pela instrução dos estudantes no Brasil e no mundo.

Ao observarmos o contexto atual no qual a prática pedagógica é realizada nas escolas públicas, percebemos que a educação contemporânea permanece sob os ditames da sociedade industrializada e capitalista, o que significa que a escola deve formar homens e mulheres com perfis específicos, construídos com base no que é exigido pelo mercado de trabalho. Nesse sentido, entra a figura do professor, o qual precisa se adequar às novas tecnologias, teorias e metodologias voltadas para o lecionar dentro e fora da sala de aula, uma vez que é de conhecimento da grande maioria dos educadores a ideia de que o ensino é efetivo não apenas quando os alunos passam a adquirir novos conhecimentos, mas também quando adotam uma nova postura perante a realidade na qual estão inseridos.

Porém, por mais que as demandas sejam feitas e direcionadas ao professor, poucos são os indivíduos que atentam para a realidade das licenciaturas no Brasil, especificamente no que tange à formação de um profissional concebido como apto a lidar com realidades que, em geral, destoam do próprio cotidiano do educador em formação. Outro ponto é o fato de que a escola pública brasileira, conforme o que é constantemente noticiado nos telejornais, não dispõe de uma infraestrutura adequada para que os professores possam ensinar, ou para que os alunos possam estudar. Faltam a merenda, o material escolar, cadeiras, e, em alguns casos, até o teto da escola.

Sendo assim, é possível questionar se os professores estão recebendo a devida preparação, durante a graduação, para encarar o desafio de formar profissionais a partir do que o ensino público oferta, no sentido de uma construção da consciên-

cia sobre a realidade do professor brasileiro e, igualmente, sobre a precariedade das escolas mantidas pelo Estado e pelo governo brasileiro. A resposta para esse questionamento desponta como resultado de uma reflexão que engloba não apenas o âmbito acadêmico, mas também o âmbito pessoal de cada pessoa que opta por uma licenciatura, e de cada um que observa, mesmo que de longe, todos os problemas que tangenciam o ensino de caráter gratuito no país.

Quanto ao aluno, reiteramos que é errado percebê-lo como um simples objeto disforme, moldado segundo os desejos do profissional da educação. O estudante deve, ao invés disso, ser enxergado e compreendido em sua totalidade, como um ser humano racional e complexo, o qual precisa de atenção, afeto, compreensão e respeito. Esse raciocínio reforça a teoria de que ensinar não é impor, ameaçar ou causar temor, mas sim dialogar, trocar experiências, compartilhar e induzir o aluno a trabalhar em grupo, a enxergar a sua importância para a comunidade da qual faz parte. Ensinar é, enquanto prática, conduzir uma aula sem improvisos ou atropelamentos de conteúdo e abrir espaço para que os alunos manifestem as suas dúvidas, as suas considerações sobre aquilo que foi exposto em classe.

São importantes a compreensão e dedicação do professor para com o ato de lecionar, muito embora o retorno financeiro nem sempre seja o esperado. Cabe ao professor planejar, organizar, refletir sobre a prática pedagógica, e avaliar se o que tem sido feito em sala de aula cumpre com os objetivos do ensino, na medida em que as leis demandam o pleno desenvolvimento das capacidades do aluno, a fim de que ele possa ingressar no (competitivo) mercado de trabalho, bem como a preparação do aluno para o exercício da cidadania.

Um dos fundamentos da prática pedagógica, cabe salientar, deve ser a sua união à noção de 'respeito', dada a existência de diferentes culturas, etnias e ideologias que entram em contato no ambiente escolar e a necessidade de despertar a consciência do aluno para a pluralidade cultural, uma vez

Graduando em Letras Inglês-Português pela UESC, Laurenci é Bolsista de Iniciação Científica da FAPESB, membro da Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso

e Argumentação, revisor de Grapiúba, além de fazer parte do ProEDA: Programa de Divulgação dos Estudos sobre Discurso e Argumentação. Tem artigos publicados em periódicos e Anais de eventos, bem como experiência como tradutor e professor de Língua Inglesa.

* Laurenci B. Esteves



que ao professor é atribuída a tarefa de ensinar, nas atividades desenvolvidas em classe, os princípios de igualdade e da consciência de que vivemos em um país marcado pela diversidade cultural. Essa inserção deve ocorrer, dentre outros motivos, por conta da necessidade de ativarmos, no aluno, a capacidade de reconhecer e valorizar aquilo que lhe é diferente, e, também, pela necessidade de o homem moderno estar apto a lidar com os contrastes sociais, culturais e étnicos que se manifestam no mundo moderno.

Assim, a resposta para os problemas enfrentados na sala de aula em uma instituição de ensino público diz respeito, sim, à atuação/preparação dos professores, mas é impossível ignorarmos o papel desempenhado pelo ambiente familiar na formação dos jovens, o que remete à atuação dos pais na construção do perfil e das habilidades dos estudantes. É injusto e inconcebível que caiba unicamente ao professor educar os jovens em todas as esferas possíveis. Precisa-se assegurar que os pais desempenhem, também, o papel de educadores, mas em outros aspectos da vida do adolescente.

Por fim, é possível enxergar o quanto complexa é a laboriosa atividade de ensinar, na medida em que os alicerces de sustento da educação, em nível nacional, ainda não estão devidamente solidificados. Esse processo de solidificação poderá ocorrer a partir do momento em que investimentos significativos na formação do profissional educador e nas instituições públicas, em todos os aspectos possíveis, sejam realizados. Por mais lento que possa parecer o desenvolvimento da educação no Brasil, acredita-se que a realidade atual possa ser modificada a partir não apenas dos esforços e dos protestos dos professores, mas da sociedade brasileira como um todo.

Se você ainda
não ouviu é
porque...

Chegou a
hora de
ouvir...

Cristiano Balla, compositor

<http://www.soundcloud.com/cris-balla>

Apoio

Centro Acadêmico de



Grapiúba

o jornal dos alunos de Letras da



Sou aquele

*Sou aquele que anda perdido há muito tempo
Aquele que de tanto procurar, nada encontrou
Fruto de um amor incontestável
Sonho sufocado que alguém sonhou*

*Sou o que perambula pela noite, desesperado
O que anda na rua, sempre apressado
O que sente a mais profunda dor no peito
O que permanece fiel aos velhos anseios*

*Sou o que passeia pelo escuro em meio ao dia
Sombra esfumaçada, neve de cada dia
Olhar poente, sol descontente
Que lhe ama mais e mais intensamente, todavia*

Laurenci Esteves

Programa “Revisões do Cânone” na UESC

Com texto e fotos
do Jornal da UESC

O Programa de Extensão “Revisões do Cânone”, vinculado ao Departamento de Letras e Artes (DLA) da UESC, cumpriu, este mês (3 e 4), mais um módulo da sua programação, com a realização do minicurso “Representações do Tempo e da Realidade” ministrado pelo professor Dr. Adeitalo Manoel Pinho (foto), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Na oportunidade, ele discorreu sobre um autor já canônico da Teoria Literária, o filólogo judio-alemão Erich Auerbach e seu livro *Mínesis*; o trabalho freudiano Moisés e o monoteísmo e o texto do orientalista palestino Edward Said, intitulado *Freud e os não-europeus*.

O programa de extensão “Revisões do Cânone” é coordenado pelos



professores Dr. André Luís Mitidieri e Dr. Cristiano Augusto da Silva Jutgla, docentes dos cursos de graduação do DLA/UESC e do Mestrado em

Letras. Os professores da

Linha B desse mestrado têm participação em eventos políticos-acadêmicos da área tal como o Encontro da Anpoll – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, realizado no campus Gragoatá, da Universidade Federal Fluminense, em que esteve presente a professora Dra. Inara de Oliveira Rodrigues, vice-coordenadora do Mestrado em Letras.

No calendário do programa estão previstos eventos como a oficina “Barthes: narrativa e prazer no texto”, que será ministrada pela professora Inara Rodrigues; o minicurso “Discurso da narrativa”, com o prof. André Mitidieri, além do minicurso “A cultura e o seu teor testemunhal – um outro olhar sobre a literatura”, com o professor/doutor Márcio Seligmann Silva (Unicamp).

Histórico afetuoso da Casa de Cultura Jorge Amado



Antecedentes do Museu Casa de Cultura Jorge Amado – O pai do escritor, coronel João Amado construiu, com 500 contos provenientes do prêmio da Loteria Federal, o palacete de 582m² em Ilhéus, Bahia, e o inaugurou em 1926. Identificamos vários traços do estilo arquitetônico próprios das construções desse período nessa residência, destacando que é um dos mais bonitos patrimônios culturais da região grapiúna e um dos cartões postais do Brasil mais visitados. A família Amado residiu nesse lindo palacete até 1937. Depois de vendida, a casa pertenceu a um clube, por mais de catorze anos foi sede da Faculdade de Direito de Ilhéus e depois foi Secretaria da Fazenda do Estado. Em 1988, essa casa foi doada ao Município, pelo Estado, através da Lei 4.798, de 18 de agosto de 1988; e o prefeito decretou tombamento municipal da mesma (Decreto 026/93). Através da parceria firmada entre Prefeitura Municipal de Ilhéus e Petrobrás, foi possível revitalizar essa casa e entregar-lhe à comunidade ilheense como Casa de Cultura Jorge Amado, sendo-o entendida como museu vivo, dinâmico, para divulgação e estudo da obra de Jorge Amado e de outros escritores regionais, e ainda administraria programas de integração com a comunidade.

Celebrando os 15 anos de história e funcionamento da Casa Jorge Amado como espaço cultural – Muitas vezes a palavra “cultural” é omitida quando nos referimos a esse local, certamente por ser óbvio a inter-relação já estabelecida. Reconhecendo o valor inigualável da força da escrita e da divulgação que a cidade alcançou por meio de Jorge Amado, por justiça, a Câmara Municipal de Ilhéus concedeu-lhe o título de cidadão ilheense; e em se tratando, em especial do palacete localizado na atual Rua Jorge Amado, 21, encontra-se inventariado na Lei de criação e delimitação do Centro Histórico de Ilhéus e na Lei de Tombamento de bens situados no município de Ilhéus (1989), que compreende o Quarteirão Jorge Amado, é um dos poucos bens tombados pela Prefeitura Municipal de Ilhéus; e foi reaberta no dia 27 de junho de 1997, com a presença do cidadão mais ilustre de Ilhéus, família Amado, intelectuais e autoridades, como Casa de Cultura Jorge Amado.

Depoimento do imortal, polivalente “menino grapiúna” e autor do romance “O país do carnaval”: **“Esta Casa faz parte da paisagem de Ilhéus. É um sonho de filhos de Ilhéus, a quem, agora, é devolvida. Construída por meus pais, com intenção de deixar um patrimônio aos filhos, esta casa, com o passar do tempo, gerou e testemunhou acontecimentos que se integraram à realidade. Transformou-se, assim, em símbolo de Ilhéus. Não**

é a casa, apenas, é aquela casa, a casa onde as coisas puderam acontecer, onde foi possível que coisas acontecessem.”

Maurício Pinheiro, em Concepção de uma ideia (In: Revista I, no. 93, junho, julho e agosto de 1997. Edição Especial) registrou: “Está sendo inaugurado a Casa de Cultura Jorge Amado, um conceito vivo e vibrante pessoal a todos os templos de cultura que não desejam nascer mortos. Distante da ideia mofada que os museus causam em nossa gente, a Casa de Cultura destina-se, antes de tudo a servir como espelho de nós mesmos. Lá encontraremos o próprio Jorge apresentando a casa e a cidade onde viveu, além de filmes de arte, eventuais saraus e palestras. A história do escritor e sua trajetória serão contadas no salão de Documentos Históricos, abrigando ainda, relíquias da família Amado.”

Nestes últimos 15 anos, a Casa Jorge Amado contou com gestoras extraordinárias, dentre elas, Carla Mendes, Lindaura Kruschewsky e Eugênia Célia Siqueira. Só conheço as duas últimas, mas pelos registros oficiais e notícias em jornais da região, posso testemunhar que elas, de fato, integram ao grupo de “mulheres de Jorge”. Foram cada uma em seu tempo, responsáveis pela qualidade de atendimento, boas instalações e parceria com os artistas e comunidade em geral. Nas palavras do crítico literário e ex-presidente da Fundação Cultural de Ilhéus (FUNDA-CI), “A Casa de Cultura Jorge Amado firmou-se como um dos maiores monumentos culturais e artísticos de Ilhéus”. Atualmente, integra-se ao Sistema de Museus, o que lhe confere um status mais apropriado e deve, se bem entendida essa definição, somar nas honrarias em especial, no centenário de nascimento do escritor baiano universal, que nunca esqueceu a influência da sua cidade de coração, testemunho isso em Declaração de Amor à Cidade de São Jorge de Ilhéus (centenário – junho de 1981) e em outro discurso afirmou: **“Quero dizer que em nenhum momento desses acontecimentos que me tornaram conhecido deixei de me lembrar que foi aqui onde tudo começou. Foi em Ilhéus, na praça do Vesúvio. Não foi em outro lugar.”**

A crítica e as sugestões – No contexto do centenário de nascimento do escritor, a relevância da arquitetura do palacete amado e a intenção de levantar o turismo local, aproveite a oportunidade para tecer simples sugestões, que com boa vontade e profissionalismo, podem ser implantadas: 1. Nomeação da diretora da Casa de Cultura Jorge Amado não seja um cargo meramente político partidário, mas que leve em conta no mínimo dois quesitos, já atendido pelas três anteriores, conheçam a obra e vida de Jorge Amado, e tenham noções de gestão de espaço cultural; 2. Criação de um belo e completo folder para ser entregue aos visitantes desse Museu, o que agregará valor a excursão; 3. Criação de uma atividade educativa que valorize as obras de Jorge Amado, inclusive estabelecer um espaço para leitura dos livros na própria casa; 4. Antes de propor um projeto de revitalização, a Casa necessita de uma arrumação, porque do jeito que ela se configura nos dias atuais, os visitantes não podem perceber a riqueza do palacete e dos bens – eles estão amontoados; 5. Criar um

prêmio para elaboração de um livro que venha a resgatar a história, atuação e os bens da Casa de Cultura Jorge Amado; 6. Adequar o espaço para inclusão de pessoas especiais; 7. Contratação de profissionais que fale inglês e francês, pelo menos, inclusive para gestor da Casa; 8. Investir em acessibilidade da casa, para atender as novas demandas museológicas; 9. Dentro do centenário, seria muito importante buscar os tombamentos estadual e federal desta Casa, buscando fixar a imortalidade do autor e preservar a imagem deste lindo e cultural patrimônio ilheense, passando a ser encarado como patrimônios estadual e federal.

Onde está Jorge Amado? Se comecei falando que a Casa de Jorge Amado é sinônimo de cultura, finalizo indagando que tipo de cultura ela expõe? Agregar valor cultural é extremamente fácil, desde que o gestor a possua. Caso contrário, estamos alimentando preconceito em função do nosso famoso “jeitinho brasileiro”. Acredito que o cidadão ilheense precisa valorizar mais e mais o patrimônio cultural e valorizar o conhecimento como forma de ascensão profissional. O curso de Letras da UESC possui disciplina inédita que estuda a literatura da região do cacau, promove estudos e publica-os através do selo editorial Editus – Editora da UESC, ampliando a bibliografia e enriquecendo o valor cultural da Bahia. Assim sendo, nada mais do que o esperado que os estudantes desta Universidade tenham mais uma grande oportunidade para mostrar os ensinamentos e compartilhar com todos nós. A mestra em Cultura e Turismo, que estudou o Quarteirão Jorge Amado, Juliana Menezes destacou em sua dissertação um ponto merecedor de atenção: “A Casa de Jorge Amado é um dos poucos monumentos que recebe algum tipo de interpretação, mas a sua utilização ainda pode enriquecida com técnicas de interpretações que enfoquem também os romances do escritor, não só a sua vida. Poderiam ser apresentados pequenas cenas de um de seus livros.” (MENEZES, Juliana Santos. **Da literatura ao turismo: o caso do Quarteirão Jorge Amado.** Ilhéus(BA):UESC/UFBA, 2004, p.92)

Alderacy Pereira da Silva Júnior é jornalista e professor, visitante da Casa Jorge Amado de Ilhéus desde 2000, apaixonado pela literatura jorgeamadiana, autor da Oficina “Jorge Amado Fora da Estante”, autor do curso “Processos Criativos e Jorge Amado” e autor do espetáculo “Tributo a Jorge Amado”. Possui artigos publicados no Blog Eu Vejo Arte, no Jornal da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz) e demais órgãos da imprensa grapiúna. Em Minas Gerais, nas cidades de Ouro Preto e Mariana teve atuação jornalística em destaque como assessor de imprensa e revisor de texto – jornais e revistas. Contato: alderacy1@gmail.com

